

Instituto Superior Miguel Torga

Escola Superior de Altos Estudos

REDES SOCIAIS PESSOAIS DE IDOSOS PORTUGUESES E
SATISFAÇÃO COM A REFORMA

Sara Valente Ribeiro

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica
Ramo de Especialização em Psicoterapia e Psicologia Clínica

Março, 2014



Redes sociais pessoais de idosos portugueses e satisfação com a reforma

Sara Valente Ribeiro

Dissertação Apresentado ao ISMT para Obtenção do Grau de Mestre em Psicologia
Clínica

Orientador: Professor Doutor Henrique Manuel Testa Vicente

Coimbra, março de 2014

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Henrique Manuel Testa Vicente, que me auxiliou desde o princípio desta investigação, por toda a sua disponibilidade, colaboração e motivação, por todo o seu apoio e paciência, o meu reconhecimento profundo pelo seu profissionalismo.

Aos meus pais, família e amigos por todo o apoio incondicional, estimulando todo o meu crescimento nesta fase e ajudando na superação de todos os objetivos.

A todos aqueles que tornaram esta investigação realizável, que colaboraram diretamente ou indiretamente nela, os meus sinceros agradecimentos.

Resumo

A presente investigação tem como objetivo principal analisar a relação entre características das redes sociais pessoais de idosos portugueses e a sua satisfação na reforma. Pretende-se especificamente: caracterizar as redes sociais a nível estrutural e funcional; analisar a relação entre variáveis sócio-demográficas e a satisfação com a reforma nas três dimensões “Satisfação profissional antes da reforma”, “Passagem à reforma e ajustamento inicial” e “Satisfação global com a reforma”; analisar a relação entre as variáveis estruturais e funcionais da rede e a satisfação com a reforma e respetivas dimensões.

Para concretizar os objetivos delineados, foram aplicados os seguintes instrumentos: Instrumento de Análise da Rede Social Pessoal (IARSP-Idosos) (Guadalupe & Vicente, 2012), que permite caracterizar a rede social pessoal do indivíduo e cinco itens da versão original do Inventário de Satisfação com a Reforma (Fonseca & Paúl, 1999), a uma amostra de 287 indivíduos com idades compreendidas entre 65 e 98 anos ($M = 77,15$), maioritariamente da região centro de Portugal.

Ao nível das características sócio-demográficas, a satisfação com a reforma parece ser mais elevada nos idosos com maiores proveitos financeiros e maiores habilitações académicas. Em relação à última profissão, quanto maior o estatuto, maior a satisfação dos idosos com a reforma. Por último, em relação aos motivos da reforma, a reforma por invalidez ou por questões de saúde, está associada a uma menor satisfação com a reforma. Relativamente às características da rede, verificou-se que são essencialmente as características funcionais (apoios prestados) que apresentam relações significativas com a satisfação com a reforma. Neste âmbito, importa assinalar que as diferentes dimensões da satisfação com a reforma parecem estar associadas a diferentes tipos de apoio prestado pela rede.

Palavras - Chave: Rede social pessoal, satisfação com a reforma, idoso

Abstract

This research aims to analyze the relationship between characteristics of personal social networks in Portuguese elderly and their satisfaction with retirement. The specific goals outlined include: characterization of the personal social networks of elderly regarding their structural and functional dimensions; analyze the relationship between sociodemographic variables and satisfaction with retirement in the following three dimensions "Job satisfaction before retirement", "Transition to retirement and initial adjustment" and "Overall satisfaction with retirement"; examine the relationship between structural and functional variables of the personal social network and satisfaction with retirement in the three dimensions considered.

To achieve the outlined goals, we applied the following instruments: Personal Social Network Analysis Instrument (IARSP-Elderly) (Guadalupe & Vincent, 2012) and five items from the original version of Retirement Satisfaction Inventory (Fonseca & Paul, 1999), to a sample of 287 individuals, aged between 65 and 98 ($M = 77.15$), mainly in the central region of Portugal.

In terms of socio-demographic characteristics, satisfaction with retirement seems to be higher in older adults with more financial income and educational attainment. Regarding the last job performed, higher status is associated with increased levels of satisfaction with retirement. Finally, and concerning the reasons the elderly identified for their retirement, disability or health issues are associated with lower satisfaction with retirement. In terms of network characteristics, we found that it was mainly the functional characteristics (the support provided) that showed significant relationships with satisfaction with retirement. It also should be noted that the three different dimensions of satisfaction with retirement appear to be associated with different types of support provided by the network.

Key Words: Personal social networks, satisfaction with retirement, elderly.

Índice

Introdução	1
Redes sociais pessoais e envelhecimento	2
Redes sociais pessoais e reforma	6
Objetivos	13
Material e Métodos	13
Procedimentos	13
Instrumentos	14
Participantes	18
Análise de dados	19
Resultados	19
Discussão e Conclusões	28
Referências Bibliográficas	33

Índice de Tabelas

Tabela 1. Questões relativas à satisfação com a reforma inseridas no protocolo de avaliação: dimensões, número do item na escala original, questão e opções de resposta	15
Tabela 2. Entrevista e variáveis	17
Tabela 3. Características estruturais e funcionais da rede	20
Tabela 4. Satisfação com a reforma segundo o género, grupo etário, estado civil e presença/ausência de filhos	21
Tabela 5. Satisfação com a reforma segundo a residência/tipo de família	22
Tabela 6. Satisfação com a reforma segundo as habilitações literárias e rendimentos	23
Tabela 7. Satisfação com a reforma, última profissão e motivo da reforma	24
Tabela 8. Correlações entre rede social pessoal e as dimensões da reforma	26

Introdução

Para Buhler (1935, citado em Fonseca, 2004: 99) “a existência humana desenrola-se ao longo de cinco estádios, correspondendo o último deles - a velhice - à fase em que o indivíduo faz um balanço da vida passada e experimenta sentimentos de realização ou de fracasso, consoante tenha ou não atingido os fins a que se propôs”. O termo velhice pode ser descrito com uma transição inevitável em que a pessoa vai passando de estádio para estádio, onde ocorrem sinais ao nível físico, psicológico e social. Apesar de esta definição apresentar uma latitude interpretativa considerável, este conceito não é estático, pois o envelhecimento é um processo multifatorial e multidimensional e cada ser humano é único e reage de maneira diferente. Tomado de um ponto de vista social, as tendências sociodemográficas acentuam a importância de se estudar o processo de envelhecimento e as fases finais do ciclo vital. Em relação ao envelhecimento demográfico, o Centro de Estudos e Desenvolvimento Regional e Urbano (CEDRU) (2008) conclui no seu estudo que, em relação a projeções demográficas recentes, prevê-se que em 2050 os indivíduos com mais de 60 anos representem cerca de 20% da população mundial. Mais especificamente, em Portugal prevê-se que em 2050 a população idosa represente um terço da população nacional. Segundo dados recentes do Instituto Nacional de Estatística (2007), a proporção de população idosa para jovem salda-se numa relação de 114 idosos por cada 100 jovens.

Embora Fernandes (2008, citado em Santos, Ferreira, Pocinho, Gaspar & Ramalho, 2012) assinala que a velhice e a reforma se desuniram e passaram a ser duas realidades divergentes, estas apresentam similitudes em alguns aspetos. Viegas e Gomes (2007, citado em Santos et al., 2012) afirmam que a reforma é vista como um marco do envelhecimento social e um prenúncio da aproximação da velhice. Segundo Newman (2008, citado em Silva, 2009), a entrada na reforma é considerada como a maior transição de vida dos indivíduos, onde elementos organizacionais, financeiros e familiares interagem com elementos psicológicos (Solinke & Henkens, 2008, citado em Silva, 2009), e onde o indivíduo deixa a sua vida laboral e passa a uma vida sem emprego (Szinovacz, 2003, citado em Silva, 2009). Os autores Riker e Myers (1990: 5) salientam igualmente a importância desta transição, afirmando que...

...retirement may represent a new beginning in the retiree's life, comparable in some ways to the younger person's leaving home for a first job. there are differences. the older person has the advantages of varied past experiences upon which to draw for

guidance; the younger person does not. the younger person views the future as infinite; the older person knows that it is not.

A distinção entre reforma e aposentação avançada por Ramos (2005: 246-247), dá igualmente conta do momento da reforma como um momento de transição na vida dos indivíduos:

“Aposentar” significa: dar ou receber aposento; ser dispensado do trabalho; deixar de fazer uso de alguma coisa. “Reformar” significa: dar outra forma; introduzir modificações com o objetivo de melhorar; passar a uma situação de disponibilidade por limite de idade, doença ou incapacidade física (além de outras específicas de determinados domínios, como o legislativo).

Para Ramos (2005), a reforma é vista como uma transformação que marca um reinício. É uma oportunidade de renovação pessoal, recriação da identidade, contínuo de aprendizagens, em resumo, um crescente pessoal.

Na sociedade portuguesa a reforma é considerada um fenómeno recente, tendo em conta que na década de 1970, a maior parte das mulheres ficavam em casa e cerca de 30% da população trabalhava na agricultura, sem direito a uma ajuda de qualquer esquema público e universal de pensões de reforma. As reformas eram apenas entregues a um número pequeno de trabalhadores, que se tornava ainda mais pequeno tendo em consideração que, na altura, a esperança média de vida era menor, e por isso muitos não a chegavam a atingir, nem a beneficiar das suas pensões. A partir dos anos 1970, com o progresso dos esquemas públicos e privados da segurança e proteção social, a maioria dos trabalhadores começou a encarar a reforma como um direito (Fernandes, 1997; Pestana, 2003, citado em Fonseca, 2004). É precisamente num enquadramento de envelhecimento demográfico e sedimentação da reforma enquanto período de vida expectável para um vasto segmento da população nacional, que o presente estudo foca a satisfação com a reforma, principalmente na sua relação com o entorno social dos idosos, ou seja, com as suas redes sociais pessoais.

Redes sociais pessoais e envelhecimento

Segundo Sluzki (1996: 42), as redes sociais pessoais podem ser definidas como:

La suma de todas las relaciones que un individuo percibe como significativas o define como diferenciadas de la masa anónima de la sociedad. Esta red corresponde al nicho interpersonal de la persona, y contribuye substancialmente a su próprio reconocimiento como individuo y a su imagen de sí. Constituye una de las claves centrales de la experiencia individual de identidad, bienestar, competencia y protagonismo o autoría, incluyendo los hábitos de cuidado de la salud y la capacidad de adaptación en una crisis.

Ou seja, a rede social pessoal é constituída pelo grupo de pessoas que interagem com o indivíduo no seu dia a dia, pelas relações pessoais que o indivíduo mantém, as quais se dividem em família, amigos, relações de trabalho e escolares e relações comunitárias ou de serviços (Sluzki, 1996). Ainda na rede social do indivíduo, esta pode ser dividida em três áreas: relações íntimas, constituída pela família direta, onde existe uma convivência diária e pelos amigos mais próximos; relações pessoais, onde não existe compromisso, e as relações sociais ou profissionais são mantidas sem intimidade, embora haja contacto pessoal, por amizades sociais e familiares; relações ocasionais, formada por conhecidos da escola ou trabalho, vizinhos e familiares afastados (Sluzki, 1996). Para analisar a rede, Sluzki (1996) considera as características estruturais, atributos do vínculo e tipos de funções cumpridas. Outros autores (e.g. Vicente & Sousa, 2012a, 2012b) simplificam esta perspetiva tripartida e subdividem as variáveis da rede em termos estruturais e funcionais. Dentro das características estruturais temos:

- i. *Tamanho*: referente ao número de indivíduos na rede. As redes de tamanho médio tendem a ser mais eficazes do que as pequenas ou numerosas. As redes mínimas tornam-se menos eficazes devido ao evitamento de contacto por parte dos indivíduos, para se protegerem da sobrecarga, embora às vezes aconteça. Como fatores influenciadores do tamanho da rede temos, por exemplo, a migração e mudança de residência, sucedendo nestes casos uma diminuição da rede.
- ii. *Densidade*: relação entre membros. Um nível de densidade elevado beneficia a unanimidade entre os membros do grupo; quando não existe, há uma exclusão da rede. As redes de densidade elevada apresentam, por norma, um baixo nível de inércia e eficácia. Num nível de densidade baixa, a eficácia da rede diminui por não existirem, no grupo, comparações.

- iii. *Distribuição ou composição*: número total de indivíduos na rede que se encontram em cada quadrante e círculos de intimidade. As redes menos flexíveis e eficazes são as localizadas, originando menos opções do que as com maior amplitude. Podem existir indivíduos, em que a sua rede seja centrada na família, onde, por exemplo, três membros se situam no círculo interior e os outros no intermédio, originando grande dependência relativamente aos três membros, sobrecarregando-os com pedidos de apoio.
- iv. *Dispersão*: distância geográfica entre os membros. Esta pode afetar a sensibilidade da rede às mudanças do indivíduo, bem como a eficiência e rapidez de resposta perante uma crise.
- v. *Heterogeneidade ou homogeneidade*: conforme o género, idade, cultura e nível socioeconómico, com vantagens e desvantagens consoante a identidade, reconhecimento de sinais de stress, ativação e utilização.

Em relação às funções da rede, Sluzki (1996) considera seis tipos de apoio: companhia social, apoio emocional, guia cognitivo, regulação social, ajuda material e serviços e acesso a novos contactos.

- i. *Companhia social*: são realizadas atividades conjuntas ou apenas o facto de os indivíduos estarem juntos. Quando há uma perda de uma pessoa, com quem o indivíduo partilhava a sua rotina, a sua ausência pode originar reações de grande tristeza.
- ii. *Apoio emocional*: a presença deste tipo de apoio pode permitir uma atitude positiva, num clima de compreensão, simpatia, empatia, estímulo e apoio. Este apoio é característico das relações de amizade e familiares, com um baixo nível de ambivalência.
- iii. *Conselhos e orientação cognitiva*: reciprocidade de partilha de informação social ou pessoal, fornecendo papéis e esclarecendo expectativas.
- iv. *Regulação social*: interações que sugerem responsabilidades e funções, neutralizando os comportamentos desviantes, fomentando a solução dos conflitos.
- v. *Ajuda material e de serviços*: cooperação em conhecimentos específicos ou cuidados físicos, incluindo serviços de saúde.
- vi. *Acesso a novos contactos*: abertura para a conexão com pessoas e redes, que anteriormente não faziam parte da rede social do indivíduo.

Sluzki (1996) especifica a evolução das redes sociais na velhice indicando três fatores: i) devido a morte, migração e/ou debilidade física dos membros, há uma diminuição da rede social; ii) a motivação e oportunidades para renovar a rede social vão igualmente diminuindo; iii) com o aumento da sobrecarga do sujeito focal devido aos processos de manutenção da rede, a energia disponível para a manutenção dos vínculos diminui, ou seja, há mais esforços e menos resultados. Sousa (2005: 171, citado em Vicente & Sousa, 2012b) descreve as redes sociais pessoais dos idosos como detendo “baixa proximidade relacional, especialmente devido à falta de amigos, maior coesão, menor distância geográfica e menor reciprocidade”, concluindo ainda que, comparadas com as gerações mais novas, as pessoas idosas recebem menos apoio nas seguintes áreas: apoio económico, aconselhamento, acesso a novos contactos e regulação social.

Por seu turno, Litwin e Landau (2000, citado em Vicente & Sousa, 2012b) identificam quatro tipos de redes sociais dos idosos: “redes de parentela” (“*kin network*”), “redes familiares intensivas” (“*family-intensive network*”), “redes focadas nos amigos” (“*friend-focused network*”), “rede de laços difusos” (“*diffuse-tie network*”). Os dois tipos que englobam a família alargada (parentela e laços difusos), por comparação com as redes de amigos, centram a prestação de apoios ao idoso nas relações familiares. As redes familiares intensivas (compostas quase somente por filhos adultos) providenciam menos apoio, embora sejam mais densas na sua estrutura. Para explicar estes resultados, os autores avançam com várias hipóteses, como a sobrecarga dos cuidadores e aspetos relacionados com o “apoio” em si.

Em resumo, embora se possa apontar uma evolução normativa para as redes na velhice, pode-se igualmente dizer que existe multiplicidade no formato das redes sociais das pessoas idosas. De facto, como a morte é inevitável, as ligações que existem com as pessoas da mesma geração vão-se perdendo, fazendo com que se percam igualmente as âncoras da história pessoal. Nesse sentido, Sluzki (1996) resume as perturbações depressivas nas pessoas idosas devido a perda de papéis, memórias, papéis e identidade associadas à redução da sua rede social.

Segundo Sousa (2005, citado em Vicente & Sousa, 2012b), as redes sociais pessoais são uma determinante na qualidade de vida dos indivíduos, embora nos idosos se tornem ainda mais indispensáveis devido aos seguintes elementos: proteger o idoso das pressões do contexto e do stresse que delas advém; facilitar a colaboração do tratamento e/ou gestão de doenças físicas e mentais; facultar apoio para que o indivíduo consiga enfrentar os

acontecimentos de vida e a sua integração social; sustentara experiência da identidade individual, contribuindo para o autoconhecimento do indivíduo.

Sluzki (1996) apresenta ainda um mapa evolutivo da rede, assinalando os pontos de contacto entre diversos eventos do ciclo vital individual e familiar e a variável tamanho da rede. Neste sentido, destaca alguns eventos, como por exemplo, nas fases mais precoces da existência, um aumento do tamanho da rede concomitante à diferenciação entre self e outros. Nesta fase, assinala a importância dos progenitores e irmãos, se os houver. Outro evento que o autor destaca é a entrada no infantário ou outras expansões da vida social, como as visitas a vizinhos. Neste âmbito, importa assinalar o surgimento dos primeiros amigos e, uma vez mais, a expansão da rede. Sluzki (1996) destaca ainda eventos como o noivado e casamento (duplo processo de contração da rede prévia e expansão da rede combinada) ou crises como a morte de um cônjuge, divórcio ou migração, que podem determinar uma diminuição do tamanho da rede. Tendo em conta o exposto, será expectável que o momento da reforma também comporte mudanças ao nível da rede e que esta possa, por seu turno, influenciar este processo de transição. Este trabalho irá focar-se, precisamente, nas relações entre rede social pessoal e diversas dimensões da reforma. Importa, contudo, salientar que não se pretenderá comparar o “antes” da reforma e o “depois” (ou seja, o impacto da reforma nas várias variáveis da rede), mas sim, de que maneira a rede atual dos idosos está relacionada com a satisfação com a reforma.

Redes sociais pessoais e reforma

A rede social pessoal distingue-se do grupo quando, um sujeito é colocado em foco, como ponto central para a sua génese (Bott, 1957, citado em Alarcão & Sousa, 2007). Esta tem sido considerada uma das redes mais funcionais, pois centra-se no indivíduo e nas suas relações (Sluzki, 2000 citado em Alarcão & Sousa, 2007). Centra-se no indivíduo porque é organizada conforme a informação dada pela pessoa e é ecossistémica porque inclui a rede significativa, sendo precisamente esta rede que se irá relacionar com o processo de reforma. Segundo a CEDRU (2008), no processo de envelhecimento existem alterações a nível fisiológico e psicológicas, acompanhadas de transformações sociais, como a transição da vida economicamente ativa para a reforma. Este processo conduz a que os indivíduos tenham uma vida social mais reduzida, cingindo-se à família, amigos e vizinhos. Na presença deste quadro social, conclui-se que as relações interpessoais são necessárias para a manutenção do equilíbrio e bem-estar dos indivíduos no decurso da velhice, sendo compensatórias da

reestruturação biopsicossocial inerente. Ainda segundo o relatório da CEDRU, neste processo, a família assume-se como um grande alicerce. Embora seja oferecida, aos indivíduos reformados, uma grande oferta de cuidadores formais na prestação de serviços, a estrutura familiar permanece insubstituível, pela grande quantidade de laços de intimidade, relações de afeto, cumplicidade e conhecimentos mútuos. Assim, a família continua a ser o principal assegurado da promoção da qualidade de vida no processo de envelhecimento. Para comprovar o papel das relações familiares, a CEDRU (2008) assinala que 60% da população mantém contactos regulares com os filhos e que aqueles que o fazem têm uma maior satisfação com a ocupação dos tempos livres.

Para Cavanaugh (1997, citado em Fonseca, 2004), a reforma é um acontecimento de vida que implica uma transição, onde há mudanças em vários aspetos, provocando uma mudança e reorganização para que se consiga manter o bem-estar psicológico e social. Para Szinovacz (2001, citado em Fonseca, 2006), ainda que a reforma seja um fenómeno recente, constitui um aspeto estrutural da trajetória da vida humana nas sociedades industrializadas. Sintetizando algumas expressões associadas à reforma, Palmore, Cleveland, Nowlin, Ramm e Siegler (1985, citado em Fonseca, 2004) resumiram três pontos que estavam em concordância na literatura, como: i) afastamento do mundo do trabalho; ii) os rendimentos provêm da segurança social ou de pensões; iii) mentalização do papel de reformado. Em jeito de resumo, Fonseca (2011: 24-25) refere que:

A satisfação que se obtém nesta nova etapa de vida acabará, pois, por ser afetada tanto por aspetos de natureza interna (saúde, crenças, objetivos), como por aspetos de natureza externa (estatuto, rede social, recursos disponíveis). De qualquer modo, a reforma é sempre um acontecimento que acarreta ajustamentos e mudanças mais ou menos substanciais na vida individual, cuja reorganização é suscetível de colocar os reformados sob stresse.

Para procurar compreender e explicar como decorre a transição e adaptação à reforma e consequentemente à velhice foram avançados dois modelos: a teoria do desligamento e a teoria da atividade. A *teoria do desligamento* apoia-se na conceção de que existe um desencontro entre a pessoa idosa e os outros, existindo assim um decréscimo de contactos sociais, resultando numa maior preocupação com ele próprio. Assumindo que isto acontece, Cumming e Henry (1961, citado por Fonseca, 2011), referem que o desligamento é explicado por razões de ordem social, como a reforma, e pelo declínio biológico, que faz com que haja

uma diminuição dos contactos sociais e o seu desempenho de papéis. No caso concreto da reforma, o indivíduo adapta-se com maior facilidade à sua nova condição quanto mais facilidade tiver em se ajustar ao seu novo papel, rompendo com o mundo laboral, dando-se um certo afastamento social, e aumentando o interesse por si mesmo e pela sua esfera íntima de interesses. Num panorama de integração funcional dos indivíduos nos sistemas sociais, a sociedade encarrega-se, à medida que os indivíduos envelhecem, de desenvolver mecanismos capazes de os ajudar no desligamento progressivo. Este processo segundo Kehl e Fernández (2001, citado em Fonseca, 2011:22), consiste no “método através do qual a sociedade prepara os seus membros para que a chegada do inevitável não perturbe o funcionamento ordenado dessa mesma sociedade”. Pode-se assim dizer que a reforma seria um dos mecanismos da sociedade que facilitaria o afastamento do indivíduo da sociedade e dos papéis que desempenhava. Segundo Fernández-Ballesteros (2009, citado em Fonseca, 2011), a desvinculação acontece para facilitar a substituição geracional, preparando o indivíduo para a morte. Para Barenys (1993, citado em Fonseca, 2011), e segundo uma visão mais individualista, o idoso vai prestando menos atenção e interesse ao cenário social. Ou seja, desliga-se da sua rede, diminui a sua participação e auto-marginalizasse. Segundo Fonseca (2011), o desligamento e o afastamento do envolvimento social dos idosos, ao longo da velhice, não são inevitáveis, reproduzindo antes, muitas vezes, padrões de interação social adotados durante o decorrer da sua vida.

Na *teoria da atividade* é sublinhado que o reformado, quando não perde o seu papel de trabalhador, adapta-se mais facilmente à sua nova condição. Assim, quanto mais se mantiver ligado à sua atividade, ou outras que substituam, mais fácil será a sua adaptação (Fonseca, 2011). Para Havighurst (1963, citado em Fonseca, 2011), os indivíduos que tinham um envelhecimento satisfatório eram os que realizavam mais atividades, mantendo ou não as suas tarefas e papéis. Assim, quando findadas as atividades laborais no período da reforma, estas deveriam ser substituídas por outras que dessem prazer ao indivíduo, e quanto mais diversificadas estas fossem, melhor seria a adaptação do idoso às suas perdas. Após a reforma, existem múltiplas atividades não-profissionais, como cuidar dos netos ou outro familiar, voluntariado, entre outros, onde o seu cumprimento é tido como válido e útil na sociedade, mantendo o indivíduo ativo e satisfeito e fazendo com que tenha um envelhecimento satisfatório. Aqui importará clarificar o que se entende por envelhecimento bem sucedido ou satisfatório. Para Ramos (2005:201) um envelhecimento bem sucedido está associado a três elementos: boa adaptação psicológica, bom estatuto de saúde mental e bem-estar subjetivo. Segundo Fontaine (2003, citado em Neto, 2010) só se pode pensar numa

velhice bem-sucedida se estiverem presentes: reduzida probabilidade de doenças; manutenção de elevados níveis funcionais nos planos cognitivo e físico; continuidade de empenhamento social e bem-estar subjetivo.

Para explicar como decorre a transição e adaptação à reforma, numa perspetiva desenvolvimental, são usados dois modelos: a teoria da crise e a teoria da continuidade. Segundo Calasanti (1996, citado em Fonseca, 2011) ambas as teorias valorizam a representação de papéis, focando-se na adaptação dos indivíduos à perda de papéis aquando da entrada na reforma. A aplicação das teorias de desempenho de papéis à reforma focaliza os recursos que auxiliam o alargamento de papéis, o seu desenvolvimento ou a sua substituição, como no estado civil, situação financeira, classe social, saúde e nível económico (Calasanti, 1996; Palmore, Cleveland, et al., 1985 citado em Fonseca, 2011). A *teoria da crise* atende, essencialmente, à importância que o papel ocupacional e profissional desempenha e que é visto como a principal instância de validação cultural e social do indivíduo, uma espécie de eixo em torno do qual giram as outras dimensões de funcionamento humano” (Fonseca, 2011:25). Esta teoria pressupõe que, na passagem à reforma, o indivíduo abandona um papel importante, prejudicando negativamente o seu desempenho em outros papéis e na sua própria identidade. Segundo Moen, Kim e Hofmeister (2001, citado em Fonseca, 2011), quando nos centramos na noção de “papel”, pode-se considerar a reforma como uma rutura social, perda de identidade funcional, uma “saída de cena”, algo que se vê essencialmente nas culturas europeias e norte-americana. Para Atchley (1976,2000, citado em Fonseca, 2011) a noção de “papel sem papel” corresponde à ideia de que a reforma é uma fase da vida e um estatuto social em que não são atribuídos especiais direitos, para além de receber a pensão de reforma, nem especiais deveres, para além do dever de tomar conta de si próprio. Para Moragas (2001, citado em Fonseca, 2011) a reforma é um direito e um dever, sendo um acontecimento marcado de alguma ambiguidade. Ou seja, se ao longo dos anos de trabalhos e sabe que por direito é atribuída a reforma, por outro, é imposta uma idade específica, para que o indivíduo deixe de trabalhar. Para o autor, na passagem à reforma existe uma grande mudança na vida dos indivíduos, entrando assim numa nova etapa do ciclo vital, muito diferente da anterior, onde há perdas a nível social e pessoal, consequência das alterações de condições e níveis de vida, bem como rotinas e hábitos dos indivíduos. Para Fonseca (2011), a entrada na reforma pode ser um processo que causa ansiedade e frustração, levando a que seja por vezes considerado um acontecimento negativo e que apresenta implicações a nível psicológico, também negativas. Isto aconteceria sobretudo aos indivíduos para os quais a profissão era o seu papel principal e mais importante. Para uma adaptação com sucesso, o indivíduo teria de

conseguir modificar as suas atividades laborais por outras que lhes cause satisfação, construindo assim o papel de reformado (Palmore, Cleveland, et al., 1985, citado em Fonseca, 2011). Se este processo não ocorrer e o indivíduo não conseguir um estatuto social parecido ou aproximado ao que tinha antes de se reformar, o mais provável é que a entrada na reforma cause stress e mal-estar, principalmente se, para o indivíduo, o trabalho era muito gratificante e fonte de grande reconhecimento social.

Em oposição, a *teoria da continuidade* (Atchley, 1976,2000, citado em Fonseca, 2011) estabelece que, na entrada da reforma, a identidade pessoal permanece e evolui através da ampliação de papéis anteriores e de novos papéis. Assim, segundo esta perspetiva, a reforma é considerada um papel importante na sociedade, causando até uma elevada autoestima. No caso em que, para os indivíduos, o trabalho não constitui uma orientação central, estes acabam por estabelecer a sua identidade vocacional (uma componente da identidade pessoal) no cumprimento de papéis fora da vida profissional. Para estes indivíduos, a reforma é uma ocasião de concretização desses papéis extraprofissionais ou então o momento ideal para que novos papéis possam aparecer e expandirem-se durante o tempo livre que agora têm disponível. Esta teoria sugere que o indivíduo está em constante desenvolvimento, mesmo quando enfrenta situações negativas. Para Atchley (1976,2000, citado em Fonseca, 2011:27), “o ponto de partida centra-se na alta probabilidade de associação entre o passado e o presente, mediada pelos padrões que podem ser antecipados quanto às formas de pensar, atuar e relacionar-se”. O desejo de continuidade ajuda no processo de adaptação, motivando os indivíduos a prepararem-se para as mudanças na sua vida, como a passagem à reforma. Para o mesmo autor, um papel não é apenas uma função, são também as relações, tendo em conta que a componente instrumental do papel pode diminuir com a reforma. O indivíduo reformado está constantemente a estabelecer relações com outros indivíduos que estão na mesma situação, reformados, pessoas que lhe são próximas, com o lugar onde vive, com a sociedade, sendo estas relações qualitativamente diferentes das que mantinha enquanto trabalhador. Para uma experiência satisfatória na entrada da reforma, tem de existir um ajustamento de interesses pessoais, que os indivíduos mantêm ao longo da sua vida, às novas circunstâncias atribuídas pela reforma.

Na reforma podem ser identificadas diversas fases, nas quais o indivíduo se adapta a uma nova condição de vida. Essas fases, que segundo Atchley (1976,citado em Fonseca, 2004) auxiliam no processo de adaptação e transição, são as seguintes:

- i. *Fase da pré-reforma*: o indivíduo começa a separar-se emocionalmente do seu trabalho, imaginando como será a sua vida futura como “reformado”.

- ii. *Fase da “lua de mel”*: dá-se o abandono da vida profissional, procurando viver as fantasias anteriormente idealizadas, escolhendo uma de duas atitudes, ocupação/atividade vs. descanso/tranquilidade. Segundo Atchley, é nesta fase que o indivíduo experiencia uma elevada satisfação com a vida, como se tivesse de férias prolongadas.
- iii. *Fase do desencanto*: há uma diminuição da satisfação com a vida. Começa a pensar que não pode só ouvir música e ler, que não tem dinheiro para viajar, entre outros pensamentos, levando muitas das vezes a estados depressivos e de vazio.
- iv. *Fase da definição de estratégias de coping*: segundo estudos realizados por Atchley, a satisfação de estar na situação de reformado vai diminuindo ao longo do primeiro ano, fazendo com que as fantasias idealizadas vão desaparecendo, pensando em novas estratégias de ocupação para o seu tempo disponível.
- v. *Fase da estabilidade*: devido à situação em que o indivíduo se encontra, é capaz de desenvolver estratégias para se adaptar a esta fase. Alguns dos indivíduos querem repouso, mas a maioria prefere continuar a sua rotina profissional ou uma que a substitua.

Segundo Atchley (1976, citado por Fonseca, 2004), quando esta última fase é superada os indivíduos reformados estão adaptados à sua nova condição de vida, mostrando-se satisfeitos, embora a sua saúde, rendimentos, ou as suas relações sociais e familiares, possam condicionar uma maior ou menor satisfação obtida.

Num estudo realizado por Cabral, Ferreira, Silva, Jerónimo e Marques (2013) em que se pretendiam verificar eventuais dificuldades com que os indivíduos se deparavam na transição para a reforma e as suas consequências, concluiu-se que, no geral, 61,2% dos inquiridos achavam que a reforma acontecia na altura ideal, 30,7% preferiam ter continuado a trabalhar e 8,1% gostariam de se ter reformado mais cedo. Neste âmbito, importa assinalar que o Decreto-Lei n.º 9/99 de 8 de janeiro veio estabelecer um novo regime de flexibilização da idade de reforma, que visava essencialmente permitir a cada beneficiário a livre escolha da sua idade de reforma em função do seu perfil contributivo, beneficiando em particular os trabalhadores com elevadas carreiras contributivas e incentivando a permanência no mercado de trabalho. Em relação às dificuldades enfrentadas, 64% não tiveram qualquer dificuldade, 16,9% referiram que apenas foi um pouco difícil e 6,9% acham que foi muito difícil. No mesmo estudo, verificou-se que 67,7% raramente ou nunca pensou como seria a passagem à reforma e 12,2%, pensavam com frequência nesse momento, indiciando que a passagem à

reforma, enquanto marco de vida, não é substancialmente valorizada. Em relação à satisfação com o trabalho antes da reforma, mais de oito em cada dez reformados, sentem-se satisfeitos ou muito satisfeitos com o seu último trabalho. Relativamente ao grau de satisfação com a vida “antes” e “depois” da reforma, 36,6% dos inquiridos considera-se na mesma, antes e depois da reforma, ou seja, nada mudou, e 25,3% achava que vivia melhor agora do que antes da reforma.

Num outro estudo, que englobava 100 indivíduos com idades compreendidas entre os 46 e 64 anos de idade, e no qual se pretendia estudar atitudes face à transição da vida laboral para a reforma e perspetivas futuras pós-reforma, Neto (2010) concluiu que 55% dos inquiridos apontava os 60 anos como a idade ideal para se reformar. Por outro lado, as justificações que estes 55% da amostra apontaram para escolher os 60 anos revelavam uma maior preocupação com a velhice (e o seu aproveitamento) e não tanto com a reforma (Neto, 2010). No mesmo estudo, relativamente às possibilidades de ocupação do tempo durante a reforma, Neto (2010) conclui que 80% faziam planos, 15% não faziam planos e somente 5% referiam necessidade de descansar, não tendo ainda pensado no que fazer nos tempos livres.

No estudo de Fonseca (2004) sobre a passagem à reforma, onde foi aplicado o Inventário de Satisfação com a Reforma (ISR) (do qual foram retiradas as questões que utilizámos no presente estudo), verificou-se que quanto maior for a escolaridade (secundária ou superior), mais elevada é a satisfação com a vida. Os indivíduos com baixa escolaridade, no geral, têm baixa satisfação com a vida em todos os domínios, com exceção dos “serviços e recursos comunitários”. Na subescala “motivos de prazer” do ISR, quanto maior a escolaridade, maior é a importância dada aos domínios associados à reforma que a tornam mais agradável. Os indivíduos com baixa escolaridade atribuem pouca importância a todos os domínios dos motivos de prazer. Em relação à profissão antes da reforma e considerando a subescala “razões para a reforma”, “interesses pessoais” foi o mais salientado pelos inquiridos com profissões mais diferenciadas. Quanto maior for a diferenciação na profissão anterior, maior será a satisfação com a vida atual e maior importância dada aos motivos de prazer. No que respeita à função do tempo de reforma, concluiu que quanto maior o tempo de reforma, sobretudo a partir dos cinco anos, menor é a satisfação com a vida. E em relação aos motivos de prazer, indivíduos reformados há mais de nove anos, dão menor importância à “liberdade e controlo da vida pessoal” e às “atividades sociais”.

Objetivos

A presente dissertação faz parte do Projeto de Investigação “Redes Sociais Pessoais de Idosos” desenvolvido pelo Departamento de Investigação & Desenvolvimento do ISMT e pelo Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade (CEPESE). Esta parceria tem como objetivo especificar e descrever características estruturais, funcionais e relacionais-contextuais das redes sociais dos idosos portugueses, com recurso a metodologias quantitativas e de análise das redes sociais (*ego-network analysis*).

Este estudo tem como objetivo principal analisar a relação entre as redes sociais pessoais dos entrevistados e a sua satisfação na reforma. Como objetivos específicos determinaram-se: 1) caracterizar em termos estruturais e funcionais as redes sociais pessoais dos entrevistados; 2) analisar a relação entre variáveis sociodemográficas e a satisfação com a reforma nas três dimensões consideradas (“Satisfação profissional antes da reforma”; “Passagem à reforma e ajustamento inicial” e “Satisfação global com a reforma”); 3) analisar a relação entre as variáveis estruturais e funcionais da rede e a satisfação com a reforma e respetivas dimensões.

Material e Métodos

Procedimentos

O projeto de investigação “Redes Sociais Pessoais de Idosos” está ao encargo das Professoras Doutoras Sónia Guadalupe, Fernanda Daniel, Inês Amaral e Professor Doutor Henrique Vicente, integrando uma equipa de dez licenciado(a)s, que estão no momento, a elaborar as suas dissertações de mestrado em Psicologia Clínica e em Serviço Social¹.

No projeto de investigação “Redes Sociais Pessoais de Idosos”, é aplicado um protocolo de recolha de dados, dividido em 8 partes, contemplando:

- I. Características sociodemográficas e familiares;
- II. Características socioprofissionais e de aposentação;
- III. (E)Migração;
- IV. Saúde e qualidade de vida;
- V. Solidão e depressão;

¹Equipa: Cláudia Viegas, Catarina Santos, Laura Rosa, Liliana Silva, Lina Dias, Rita Matias, Sara Ribeiro, Daniela Monteiro, Paula Campos, Ana Sofia Sousa (2º Ciclo em Psicologia Clínica); Ana Oliveira, Joel Silva e Tatiana Roque (2º Ciclo em Serviço Social).

- VI. Satisfação com a vida, com relações interpessoais e *coping* resiliente;
- VII. Participação social;
- VIII. Rede Social Pessoal.

Todos os protocolos foram preenchidos pelos entrevistadores da lista mencionada anteriormente. O espaço onde foram administrados os questionários deveriam resguardar a privacidade de inquirido e inquiridor. Quando aplicado em instituições, tal acontecia preferencialmente em gabinetes. O tempo de administração do protocolo variou de pessoa para pessoa, demorando entre os 30 e os 90 minutos. Todos os dados utilizados no estudo, foram compilados entre os meses de fevereiro e maio de 2013.

Instrumentos

Este protocolo inclui nove instrumentos padronizados, em versão integral ou parcial: Inventário de Satisfação com a Reforma (Fonseca & Paúl, 1999); MHI-5 – *Mental Health Inventory* (Ribeiro, 2001); *Geriatric Depression Scale GDS Short Form 15* (Yesavage et al., 1983; Almeida & Almeida, 1999); Escala de Solidão da UCLA (Neto, 1989); SWLS – *Satisfaction With Life Scale* (Diener, 1985); *Coping* Resiliente (Sinclair & Wallston, 2003); *Easycare* (2010); WHOQOL (OMS; Canavarro et al., 2006); IARSP - Idosos (Guadalupe & Vicente, 2012).

Tendo em conta os objetivos delineados anteriormente, o presente estudo irá focar-se nos seguintes instrumentos: Inventário de Satisfação com a Reforma (Fonseca & Paúl, 1999) e IARSP – Idoso (Instrumento de Análise da Rede Social e Pessoal – Idoso) (Guadalupe & Vicente, 2012).

Inventário de Satisfação com a reforma

O *Inventário de Satisfação com a Reforma* foi originalmente desenvolvido por uma equipa de investigadores norte-americanos e apelidado *Retirement Satisfaction Inventory* (Floyd et al., 1992 citado em Fonseca, 2004), visando avaliar, tanto a satisfação atual com a reforma, como a perceção de experiências relacionadas com a mesma, preditivas de ajustamento e bem-estar nas fases finais do ciclo vital.

O *Inventário de Satisfação para a Reforma* foi adaptado e validado para a população Portuguesa por Fonseca e Paúl em 2002. Este instrumento é constituído por 55 itens de resposta fechada, sendo a cotação efetuada sob a forma de escalas que variam entre quatro possibilidades de resposta (e.g. de “Nunca” a “Frequentemente”) e seis possibilidades de

resposta (e.g. de “Nada importante” a “Muito importante”). Está dividido em três subescalas: *Razões para a reforma*, *Satisfação com a vida* e *Motivos de prazer*. Inclui ainda um conjunto de itens implicados na avaliação da satisfação com a reforma, que não integram as escalas supracitadas, sendo agrupados em dimensões identificadas pelos autores da seguinte forma: *Satisfação profissional antes da reforma*; *Passagem à reforma e ajustamento inicial*; *Atividades físicas e de lazer quotidianas*; *Preocupação com pais e/ou filhos*; *Satisfação global com a reforma*. Para o presente estudo foram incluídas as questões referentes às dimensões *Satisfação profissional antes da reforma* (itens 1, 2 e 3 da escala original), *Passagem à reforma e ajustamento inicial* (itens 33 e 34 da escala original) e *Satisfação global com a reforma* (item 55 da escala original). Todos os itens considerados são respondidos numa escala de Likert com 6 possibilidades de resposta. A cotação foi efetuada somando as pontuações de cada dimensão, sendo que pontuações mais elevadas significam maior satisfação. Para além disso, foi efetuado o somatório das pontuações obtidas nas três dimensões, para obter uma medida global da satisfação com a reforma, o qual foi apelidado de “Somatório do Inventário com a Reforma”, “Somatório ISR” ou, simplesmente, “ISR”.

Tabela 1. Questões relativas à satisfação com a reforma inseridas no protocolo de avaliação: dimensões, número do item na escala original, questão e opções de resposta

Dimensões	Item	Questão	Opções de resposta
<i>Satisfação profissional antes da reforma</i>	Item 1	<i>Antes de se ter reformado, em que medida o seu emprego era uma coisa agradável quando comparado com os outros aspetos da sua vida?</i>	1. “Completamente desagradável” a 6. “Completamente agradável”
	Item 2	<i>Antes de se ter reformado, em que medida estava satisfeito(a) com o seu emprego?</i>	1. “Completamente insatisfeito” a 6. “Completamente satisfeito”
	Item 3	<i>Antes de se ter reformado, em que medida estava satisfeito(a) com a perspetiva da reforma?</i>	1. “Completamente insatisfeito” a 6. “Completamente satisfeito”
<i>Passagem à reforma e ajustamento inicial</i>	Item 33	<i>Como foram vividos os primeiros meses após se ter reformado?</i>	1. “Com muita dificuldade” a 6. “Com muita facilidade”
	Item 34	<i>De uma forma geral, como é a sua vida atual quando comparada com a sua vida antes de se ter reformado?</i>	1. “Muito pior” a 6. “Muito melhor”
<i>Satisfação global com a reforma</i>	Item 55	<i>Globalmente e neste exato momento, em que medida está satisfeito(a) com a sua reforma?</i>	1. “Completamente insatisfeito” a 6. “Completamente satisfeito”

Neste estudo, o valor encontrado para o Alfa de Cronbach foi de 0,75 (n=287), o que indica uma boa consistência e fiabilidade do questionário.

Instrumento de Análise da Rede Social Pessoal (IARSP-Idosos)

O IARSP é um instrumento multidimensional que visa recolher informação sobre a rede social pessoal dos inquiridos, sendo constituído por um conjunto de itens que permitem a identificação e caracterização da rede nos seus aspetos estruturais e funcionais (Guadalupe, 2010). Pode ser usado como instrumento de autorresposta ou, como foi o caso do presente estudo, em situação de entrevista. Ao longo dos últimos anos, em Portugal, este instrumento foi utilizado em numerosos estudos (e.g. Abreu, 2000; Vicente & Sousa, 2012a, 2012b), com modificações introduzidas pelos autores consoante os seus objetivos. No presente estudo, o IARSP continha a seguinte questão sonda (*probe question*):

Refira o nome das pessoas, com quem se relaciona, são significativas na sua vida e o/a apoiam.

Posteriormente, cada elemento da rede identificado pelo inquirido era caracterizado quanto ao vínculo ou tipo de relação que mantém com ele (Família, Amigo(a), Vizinho, Relação de trabalho/estudo, Técnico), sexo, idade, durabilidade da relação, frequência de contactos e distância geográfica em relação ao sujeito focal. Para além disso, procura-se avaliar o apoio que cada elemento identificado faculta, em termos de: 1) apoio emocional; 2) apoio material e instrumental; 3) apoio informativo; 4) companhia social; 5) acesso a novos contactos. A versão do IARSP procura ainda avaliar se os elementos identificados se conhecem entre si (o que permite avaliar a densidade), a reciprocidade de apoio (ou seja, se o sujeito focal considera que é recíproco na relação com os elementos da rede), e a satisfação do inquirido com a sua rede e com o apoio por ela prestado. A tabela 2 especifica as questões colocadas e as variáveis avaliadas.

Tabela 2. Entrevista e variáveis

Questão	Variável	Definição
Dimensão 1. Estrutura – características morfológicas básicas da rede		
“Refira o nome das pessoas com que se relaciona, são significativas na sua vida e o/a apoiam.”	Tamanho	Número total de pessoas
“Vive: 1- Na mesma casa; 2- No mesmo bairro; 3- Na mesma terra; 4- Até 50 km; 5- A mais de 50 km”	Residência (dispersão geográfica)	Acessibilidade dos membros da rede
“Refira à quanto tempo conhece ou mantém um relacionamento com cada elemento.”	Durabilidade	Durabilidade total de cada relação, em anos.
“Use os números: 1- Diariamente; 2- Algumas vezes por semana; 3- Semanalmente; 4- Algumas vezes por mês; 5- Algumas vezes por ano”	Frequência de contactos	Acessibilidade dos membros da rede
“Refira o vínculo que a pessoa tem consigo: família, amigo(a); vizinho; relações de trabalho; técnico”	Número de Quadrantes representados (heterogeneidade)	Número de quadrantes com membros
“Quem conhece quem na rede”	Densidade	Número de ligações na rede, além o elemento focal
Dimensão 2. Funções – conteúdos disponíveis e desempenhados pela rede		
“Indique o nível de apoio ou ajuda percebida, em cada uma das seguintes áreas *(1- nenhum; 2- algum; 3- muito)	Apoio	Nível de apoio ou ajuda percebida
“Pensando no apoio que dá a estas pessoas que referiu, pode afirmar que: 1 – dá apoio à maior parte destas pessoas; 2 – dá apoio a algumas destas pessoas; 3 – dá apoio a poucas destas pessoas; 4- não dá apoio a nenhuma destas pessoas.”	Reciprocidade	Se a pessoal focal disponibiliza as mesmas funções ou equivalentes à rede
Dimensão 3. Medidas de satisfação		
“Indique o nível de satisfação com a rede pessoal: 1- nada; 2- pouco; 3- muito”	Satisfação com a rede	Nível de satisfação com a rede social pessoal
“Indique o nível de satisfação com o suporte social: 1- nada; 2- pouco; 3- muito”	Satisfação com o suporte social	Nível de satisfação com o suporte social facultado pela rede

* Áreas de apoio: i) apoio emocional: ato de proporcionar à pessoa focal estima e afeto com intuito de esta alcançar os seus objetivos pessoais; ii) apoio material e instrumental: proporcionar ajuda nas atividades quotidianas do indivíduo focal; iii) apoio informativo: fornecimento de informações úteis ao indivíduo focal; iv) acesso a novos contactos: interações com a pessoa focal com intuito de que esta estabeleça contactos com novos elementos; v) companhia social: disponibilização de algum tempo para fazer companhia à pessoa focal.

Participantes

Para este estudo, colaboraram 287 indivíduos. A amostra, em relação ao género, apresenta para o sexo feminino um número total de 187 sujeitos (63,8%) e para o sexo masculino um número total de 104 (36,2%). A média das idades, correspondentes ao intervalo 65- 98 anos, foi de 77,15 anos. Esta característica foi subdividida por grupos etários onde a maior percentagem foi para os *idosos velhos [+75 anos]* 61,3% (n=176) e os *idosos jovens [65-75 anos]* obtiveram 38,7% (n=111). No que concerne ao estado civil, a parcela que obteve maior percentagem foi *casado(a) ou em união de facto* (n=148, 51,6%), seguido de *viúvo(a)* (n=100,34,8%), *solteiro(a)* (n=25, 8,7%), *divorciado(a) ou separado(a)* (n=14, 4,9%). No que refere aos filhos, 88,5% (n=254) *têm filhos* e 11,5% (n=33) *não têm filhos*. Quanto ao tipo de família e sua composição, 31,4% (n=90) são *casal (vive com o cônjuge)*, 19,2% (n=55) *casal mais família alargada (filhos, genros, noras, netos)*, 18,1% (n=52) *unipessoal (um indivíduo, vive só)*, 15,7% (n=45) *indivíduo mais família alargada (filhos, genros, noras, netos)* e 11,5% (n=33) *não vive em contexto familiar (instituição)*. No que respeita às habilitações, a maior parte dos inquiridos 52,3% (n=150) tem a *4ª classe*, 18,1% (n=52) *não sabe ler nem escrever*, 13,9% (n=40) *sabe ler e escrever*, 5,9% (n=17) tem o *9ºano*, 3,8% (n=11) *ensino preparatório*, 3,5% (n=10) *curso superior* e, por fim, 2,4% (n=7) tem o *12ºano*. Em relação à habitação, a maior percentagem de sujeitos, 76,7% (n=220) vive *na sua casa*, 11,5% (n=33) *em instituição*, 11,1% (n=32) *em casa de familiares* e por fim 0,7% (n=2) *outra situação*. No que se refere ao local de habitação, a maior parte dos inquiridos reside *inserido em aglomerado populacional* 86,4% (n=448) e 13,6% (n=39) *isolado*. Ainda relativamente ao local da habitação, 73,2% (n=210) consideraram viver num meio rural, 13,4% (n=40) num meio suburbano, e 12,9% (n=37) em meio urbano. Em relação à última profissão, o que obteve maior percentagem foi o grupo dos *trabalhadores da agricultura e floresta* 24,0% (n=69), seguido dos grupos *doméstico(a)* 17,8% (n=51), *trabalhadores fabris e construção civil* 16,4% (n=47), *trabalhadores do comércio e restauração* 14,3% (n=41), *trabalhador administrativo e serviços* 8,0% (n=23), *trabalhadores de limpezas* 4,9% (n=14), *outras profissões* 4,5% (n=13), *profissões intelectuais e técnicos superiores* 3,5% (n=10), *costureira e alfaiate* 2,8% (n=8) e *empresário* 1,7% (n=5). No que respeita a rendimentos, 53,3% (n=153) dos inquiridos dizem que *cobrem os gastos mas não permitem poupar nada*, 25,4% (n=73) *não são suficientes para os gastos* e 21,3% (n=61) *cobrem os gastos e permitem poupar*. Em relação ao motivo para se reformarem, a maior percentagem dos inquiridos respondeu *idade* 55,4% (n=159),

seguida de *invalidez* 29,6% (n=85), *tempo de serviço* 7,7% (n=22), *opção / reforma antecipada* 3,1% (n=9), *pressões* 1,0% (n=3), *circunstâncias* 0,7% (n=2) e, por fim, *interesses pessoais* 0,3% (n=1). A maior parte dos inquiridos, 93,4% (n=268) encontram-se *aposentados*, 4,5% (n=13) refere *tenho reforma mas trabalho* e 2,1% (n=6) *não* está aposentado.

Análise de dados

O tratamento estatístico dos dados foi concretizado através do programa SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 21.0 para Windows.

Utilizou-se o teste estatístico Shapiro-Wilk, para conferir a distribuição normal das variáveis na amostra em estudo. Assim, verificou-se a normalidade das variáveis para posteriormente identificar quais os testes estatísticos que se deviam empregar. Nas variáveis com distribuição normal, os testes paramétricos a usar foram: *ANOVA* (quando se avalia parâmetros em mais de dois grupos); *Teste T* (quando se avalia parâmetros até dois grupos). Quando a distribuição não obedece ao pressuposto da normalidade, os testes paramétricos a usar foram: *Kruskal-Wallis* (quando se avalia parâmetros em três ou mais grupos; *Mann-Whitney* (quando se avalia parâmetros com dois grupos). Para estudar as correlações, quando a distribuição revelava não ser normal, recorreu-se à correlação de *Spearman*, sendo que quando obedecia aos parâmetros de normalidade recorreu-se à correlação de *Pearson*.

Resultados

1. Estudo descritivo da rede

Na tabela 3 pode constatar-se, para as características estruturais, que o tamanho da rede varia entre 1 e 40 sujeitos, apresentado um valor médio de 7,61 sujeitos. Em relação à dispersão geográfica, com um valor médio de 2,75, pode-se concluir (tendo em consideração que o valor 1 corresponde à opção “*vive na mesma casa*” e o valor 5a “*vive a mais de 50 km*”) que os sujeitos entrevistados vivem próximos dos indivíduos da sua rede. Quanto à durabilidade das relações, que varia entre o mínimo de 8 e o máximo de 47 anos, esta apresenta uma média de 40,93 anos. Na frequência de contactos, encontrou-se uma média de 2,20, que permite concluir (tendo em conta que 1 corresponde a “*diariamente*” e 5 a “*algumas vezes por ano*”) que os entrevistados contactam algumas vezes por

semana/semanalmente com os sujeitos da sua rede. Para o número de quadrantes, ou seja, a heterogeneidade quanto ao tipo de vínculo, esta varia entre o mínimo de 1 e o máximo de 4, com uma média de 1,68, valor este que aponta para alguma homogeneidade quanto aos tipos de vínculo na rede nesta amostra. Relativamente, esta varia entre 40 e 100, com uma média de 96,99, o que indicia redes muito coesas.

Tabela 3.Características estruturais e funcionais da rede

	N	Mínimo	Máximo	Média	DP
Características estruturais					
Tamanho da Rede	287	1	40	7,61	5,78
Residência (dispersão geográfica)	287	1,00	5,00	2,75	0,99
Durabilidade	287	8	74	40,94	11,46
Frequência de contactos	287	1,00	5,00	2,20	0,98
Número de quadrantes representados (heterogeneidade)	287	1,00	4,00	1,68	0,77
Nível de Densidade	287	40,00	100	96,99	9,76
Características funcionais					
Apoio Emocional	287	1,00	3,00	2,70	0,39
Apoio Material e Instrumental	287	1,00	3,00	2,33	0,52
Apoio Informativo	287	1,00	3,00	2,38	0,55
Acesso a novos contactos	287	1,00	3,00	2,18	0,66
Companhia Social	287	1,00	3,00	2,40	0,48
Reciprocidade de Apoio	287	1,00	4,00	3,45	0,84
Medidas de Satisfação					
Satisfação com o suporte social	245	1,00	3,00	2,66	0,54
Satisfação com a rede	287	1,00	3,00	2,81	0,42

Nas características funcionais, obteve-se valores médios para o apoio emocional de 2,70; para a companhia social de 2,40; para o apoio informativo de 2,38; para o apoio material e instrumental de 2,33; e para o acesso a novos contactos de 2,18. Conclui-se assim que o apoio emocional apresenta mais relevância nas redes dos sujeitos entrevistados. Em relação à reciprocidade, apresenta um valor médio de 3,45, tendo em consideração que o valor mínimo 1 corresponde a “*não dá apoio a nenhuma destas pessoas*” e o máximo 4 a “*dá apoio à maior parte destas pessoas*”, o valor obtido revela que os sujeitos consideram ter níveis elevados de reciprocidade com a sua rede.

Nas medidas de satisfação, obtiveram-se médias de 2,66 para a satisfação com o suporte social e 2,88 para a satisfação com a rede, concluindo-se que os sujeitos estão mais satisfeitos com a rede em si do que com o apoio que recebem.

2. Estudo da reforma na amostra

Num primeiro momento da análise dos dados relativos à satisfação com a reforma (Inventário de Satisfação com a Reforma ou ISR) nas suas múltiplas dimensões (Satisfação Profissional Antes da Reforma ou SPAR; Passagem à Reforma e Ajustamento Inicial ou PRAI; Satisfação Global com a Reforma ou SGR), procederam-se a análises comparativas entre grupos, sendo possível constatar, através da visualização da tabela 5, que não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as diversas dimensões da reforma avaliadas e as variáveis de género, grupo etário e estado civil.

Tabela 4. Satisfação com a reforma segundo o género, grupo etário, estado civil e presença/ausência de filhos

	ISR			SPAR			PRAI			SGR		
	M	DP	Sig.	M	DP	Sig.	M	DP	Sig.	M	DP	Sig.
Género ^{a)}												
Feminino (n=177)	23,89	3,19	0,67	12,49	0,17	0,09	7,62	0,13	0,18	3,73	0,64	0,82
Masculino (n=103)	23,69	3,39		12,86	0,14		7,21	0,20		3,76	0,08	
Grupos Etários ^{a)}												
Idosos Jovens (n=105)	23,94	3,29	0,65	12,58	1,77	0,72	7,50	1,98	0,73	3,77	0,87	0,99
Idosos Velhos (n=175)	23,73	3,26		12,66	1,77		7,46	1,80		3,72	0,83	
Estado Civil ^{c)}												
Solteiro/a (n=23)	23,65	3,19	0,79	12,69	2,16	0,22	7,43	1,53	0,62	3,87	0,87	0,67
Casado/a ou em união de facto (n=144)	24,08	3,42		12,83	1,71		7,49	1,94		3,76	0,80	
Viúvo/a (n=100)	23,67	3,06		12,32	1,77		7,56	1,81		3,73	0,89	
Divorciado/a ou separado/a (n=13)	22,31	3,01		12,69	1,55		6,76	2,09		3,38	0,96	
Filhos ^{a)}												
Não (n=31)	23,42	3,95	0,36	12,55	2,39	0,28	7,48	1,73	0,95	3,74	1,03	0,82
Sim (n=249)	23,86	3,18		12,64	1,68		7,47	1,89		3,73	0,82	

1- “Inventário de satisfação com a reforma”; 2- “Satisfação profissional antes da reforma”; 3- “Passagem à reforma e ajustamento inicial”; 4- “Satisfação global com a reforma”; a) Teste Mann-Whitney; b) Teste Kruskal-Wallis; c) Teste ANOVA; *sig. ≤ 0,05; ** sig. ≤ 0,01.

Através da análise comparativa entre grupos, considerando variáveis residenciais/habitacionais, tais como a zona de residência, o local de habitação e o tipo de família no agregado, constatou-se que não são significativas as diferenças entre as médias (tabela 6).

Tabela 5.Satisfação com a reforma segundo a residência/tipo de família

	ISR			SPAR			PRAI			SGR		
	M	DP	Sig.	M	DP	Sig.	M	DP	Sig.	M	DP	Sig.
Zona de residência^{a)}												
Isolada (n=38)	24,71	2,66	0,12	12,95	1,56	0,11	7,84	1,84	0,09	3,92	0,49	0,07
Inserida em aglomerado populacional (n=242)	23,67	3,34		12,58	1,80		7,41	1,87		3,71	0,89	
Vive^{b)}												
Na sua casa (n=216)	23,83	3,27	0,98	12,64	1,74	0,95	7,48	1,89	0,78	3,76	0,83	0,83
Instituição (n=29)	23,69	2,95		12,34	1,88		7,62	2,03		3,72	0,79	
Casa de familiares (n=33)	23,79	3,66		12,88	1,95		7,27	1,59		3,58	1,03	
Outra situação (n=2) ^{d)}	24,00	0,00		12,00	0,00		8,00	0,00		4,00	0,00	
Tipo de Família^{b)}												
Unipessoal (1 indivíduo, vive só) (n=52)	23,67	3,06	0,25	12,42	1,77	0,28	7,17	2,02	0,62	3,75	0,88	0,91
Casal (vive com cônjuge) (n=88)	24,14	3,59		12,74	1,82		7,58	2,07		3,77	0,87	
Casal + Família alargada (filhos, genros, noras, netos) (n=53)	23,92	2,84		12,76	1,42		7,66	1,79		3,75	0,65	
Indivíduo + Família largada (filhos, genros, noras, netos) (n=44)	23,43	3,13		12,18	1,82		7,48	1,73		3,72	0,85	
Outros (com outros parentes ou outras pessoas) (n=10)	25,00	2,58		13,30	2,00		7,80	1,03		3,90	0,88	
Não vive em contexto familiar (instituição) (n=33)	23,79	3,66		12,87	1,94		7,27	1,59		3,58	1,03	

1- “Inventário de satisfação com a reforma”; 2- “Satisfação profissional antes da Reforma”; 3- “Passagem à reforma e ajustamento inicial”;

4- “Satisfação global com a reforma”; a) Teste Mann-Whitney; b) Teste Kruskal-Wallis; c) Teste ANOVA; d) Para efeitos de realização do ANOVA, não foram considerados este grupo; *sig. ≤ 0,05; **sig. ≤ 0,01.

Relativamente à variável *Habilitações Literárias*, utilizando o teste Kruskal-Wallis, verificou-se a existência de diferenças significativas entre os grupos, $\chi^2_{kw} (6, n=280) = 26,016, p=0,00$. Para uma comparação mais pormenorizada, utilizou-se o teste Post-hoc de Tukey HSD, verificando-se no *Somatório do Inventário da Satisfação com a Reforma* (ISR), que o grupo “*Curso superior*” apresenta diferenças significativas quando comparado com “*Ensino preparatório*”, “*Não sabe ler nem escrever*”, “*Sabe ler e escrever*” e “*4ª classe*” (27,20 vs. 22,55; 23,07; 23,51 e 23,79). Para *Satisfação Global com a Reforma*, $\chi^2_{kw} (6, n=280) = 16,960, p=0,00$, o teste Post-hoc de Tukey HSD revelou que grupo “*12º ano*” apresenta resultados significativamente mais elevados quando comparado com o grupo “*Ensino preparatório*”, “*Não sabe ler nem escrever*” e “*4ª classe*” (4,71 vs. 3,36; 3,61 e 3,68).

Tabela 6. Satisfação com a reforma segundo as habilitações literárias e rendimentos

	ISR			SPAR			PRAI			SGR		
	M	DP	Sig	M	DP	Sig	M	DP	Sig	M	DP	Sig.
Habilitações Literárias												
b)												
Não sabe ler nem escrever (n=51)	23,07	3,07	0,00**	12,33	1,63	0,09	7,18	1,83	0,11	3,61	0,78	0,01**
Sabe ler e escrever (n=39)	23,51	3,56		12,69	2,25		7,20	2,04		3,89	0,79	
4ª classe (n=146)	23,79	3,18		12,53	1,69		7,54	1,81		3,68	0,85	
Ensino Preparatório (n=11)	22,55	3,45		12,45	0,82		6,72	2,24		3,36	0,92	
9º ano (n=16)	24,63	2,73		12,81	1,42		8,00	1,86		3,81	0,66	
12º ano (n=7)	26,71	2,73		13,57	1,98		8,43	1,90		4,71	0,11	
Curso superior (n=10)	27,20	1,32		14,60	1,43		8,30	1,15		4,30	0,67	
Rendimentos b)												
Não são suficientes para os gastos (n=69)	22,29	2,96	0,00**	12,29	1,57	0,00**	6,64	1,85	0,00*	3,20	0,93	0,00**
Cobrem os gastos mas não permitem poupar nada (n=151)	23,60	2,83		12,38	1,57		7,54	1,64		3,77	0,69	
Cobrem os gastos e permitem poupar (n=60)	26,10	3,44		13,65	2,09		7,48	2,06		4,27	0,73	

1- “Inventário de satisfação com a reforma”; 2- “Satisfação profissional antes da reforma”; 3- “Passagem à reforma e ajustamento inicial”; 4- “Satisfação global com a reforma”; a) Teste Mann-Whitney; b) Teste Kruskal-Wallis; c) Teste ANOVA; *sig. ≤ 0,05; **sig. ≤ 0,01

Utilizando o teste Kruskal-Wallis, verificou-se a existência de diferenças significativas entre grupos na variável *Rendimentos*, $\chi^2_{kw}(2, n=280) = 44,031, p=0,00$. Para uma comparação mais pormenorizada, utilizou-se o teste Post-hoc de Tukey HSD, verificando-se, no *Somatório do Inventário da Satisfação com a Reforma*, diferenças significativas entre as três médias dos três grupos considerados. Na *Satisfação Profissional Antes da Reforma* também se encontraram diferenças significativas, $\chi^2_{kw}(2, n=280) = 20,942, p=0,00$, sendo que o teste Post-hoc de Tukey HSD revelou que o grupo “*Cobrem os gastos e permitem poupar*” apresenta resultados significativamente mais elevados quando comparado com os grupos “*Não são suficientes para os gastos*” e “*Cobrem os gastos mas não permitem poupar nada*” (13,65 vs. 12,29 e 12,38). Para a variável *Passagem à Reforma e Ajustamento Inicial* foram igualmente encontradas diferenças estatisticamente significativas, $\chi^2_{kw}(2, n=280) = 25,609, p=0,00$, com o teste Post-hoc de Tukey a revelar que o grupo “*Cobrem os gastos e permitem poupar*” apresenta resultados mais elevados do que os grupos “*Não são suficientes para os gastos*” e “*Cobrem os gastos mas não permitem poupar nada*” (7,48 vs 6,64 e 7,54). Diferenças significativas foram também encontradas na variável *Satisfação Global com Reforma*, $\chi^2_{kw}(2, n=280) = 53,555, p=0,00$, com o teste Post-hoc de Tukey a revelar que esta é

significativamente mais elevada no grupo “*Cobrem os gastos e permitem poupar*” relativamente aos grupos “*Não são suficientes para os gastos*” e “*Cobrem os gastos mas não permitem poupar nada*” (4,27 vs. 3,20 e 3,77).

Tabela 7. Satisfação com a reforma, última profissão e motivo da reforma

	ISR			SPAR			PRAI			SGR		
	M	DP	Sig.	M	DP	Sig.	M	DP	Sig.	M	DP	Sig.
Última Profissão^{b)}												
Trabalhadores da Agricultura e Floresta(n=68)	22,41	2,98	0,00**	12,13	1,65	0,00**	7,00	1,75	0,00*	3,50	0,87	0,00**
Doméstica(o) (n=49)	23,77	2,75		12,16	1,42		7,59	1,66		3,77	0,89	
Trabalhadores do Comércio e Restauração (n=41)	24,24	2,89		12,98	1,56		7,71	1,71		3,60	0,70	
Trabalhadores Fabris e Construção Civil (n=47)	23,38	2,98		12,77	1,49		6,87	2,03		3,72	0,65	
Trabalhadores de Limpezas (n=14)	25,14	2,57		12,36	1,45		8,71	1,82		4,07	0,62	
Trabalhadores Administrativos e Serviços (n=23)	25,52	4,86		13,13	2,61		8,35	2,21		4,04	1,01	
Profissões Intelectuais e Técnicos Superiores (N=10)	27,50	1,08		14,70	1,25		8,40	1,26		4,40	0,69	
Empresário (n=5)	24,00	4,74		13,60	2,07		7,40	2,19		4,00	0,71	
Outras Profissões (n=12)	23,58	3,58		12,33	2,19		7,42	1,83		3,83	1,11	
Costureira e Alfaiate (n=7)	24,71	2,36		13,71	1,49		7,57	1,13		3,43	0,53	
Motivo da Reforma^{c)}												
Idade (n=159)	24,43	2,89	0,00**	12,72	1,77	0,00**	7,89	1,55	0,00*	3,83	0,70	0,00**
Tempo de serviço (n=22)	26,14	4,13		13,50	1,97		8,50	2,02		4,09	0,81	
Invalidez/Saúde (n=83)	22,00	2,53		12,18	1,44		6,42	1,89		3,44	0,99	
Opção/Reforma Antecipada (n=9)	25,44	3,36		13,89	2,26		7,67	2,29		3,89	0,33	
Interesses Pessoais ^{d)} (n=1)	31,00	-		15,00	-		10,00	-		6,00	-	
Pressões ^{d)} (n=3)	22,67	5,13		12,67	1,15		7,33	3,05		4,33	0,58	
Circunstâncias ^{d)} (n=2)	19,00	1,41		9,50	2,12		6,00	0,00		3,50	0,71	

1-“Inventário de satisfação com a reforma”; 2-“Satisfação profissional antes da reforma”; 3-“Passagem à reforma e ajustamento inicial”; 4-“Satisfação global com a reforma”; a) Teste Mann-Whitney; b) Teste Kruskal-Wallis; c) Teste ANOVA; d) Para efeitos de realização do ANOVA, não foram considerados este grupo; *sig. ≤ 0,05; **sig. ≤ 0,01

Na variável *Última Profissão*, foram encontradas diferenças significativas utilizando o teste Kruskal-Wallis, $\chi^2_{kw} (9, n=276) = 43,501, p=0,00$. Para proceder a uma análise mais pormenorizada recorreu-se ao teste Post-hoc de Tukey HSD, onde se verificou que no *Somatório do Inventário da Satisfação com a Reforma*, o grupo “*Trabalhadores da Agricultura e Floresta*”apresentou níveis significativamente mais baixos quando comparado

com os grupos “*Trabalhadores Administrativos e Serviços*” e “*Profissões Intelectuais e Técnicos Superiores*” (22,41 vs. 25,52 e 27,50). O mesmo teste revelou que o grupo “*Doméstico(a)*” apresenta níveis significativamente mais baixos quando comparado com o grupo “*Profissões Intelectuais e Técnicos Superiores*” (23,71 vs. 27,50). Também o grupo “*Trabalhadores Fabris e Construção Civil*” apresenta níveis significativamente inferiores quando comparado com o grupo “*Profissões Intelectuais e Técnicos Superiores*” (23,38 vs 27,50). Na *Satisfação Profissional Antes da Reforma*, onde se verificaram diferenças significativas entre grupos, $\chi^2_{kw} (9, n=276) = 37,965, p=0,00$, o teste Post-hoc the Tukey HSD revelou que o grupo “*Profissões Intelectuais e Técnicos Superiores*” apresenta níveis superiores quando comparado com os grupos “*Trabalhadores da Agricultura e Floresta*”, “*Doméstico(a)*”, “*Outras Profissões*”, “*Trabalhadores de Limpezas*” e “*Trabalhadores Fabris e Construção Civil*” (14,70 vs. 12,16; 12,33; 12,36 e 12,77). Também na *Passagem à Reforma e Ajustamento Inicial* foram encontradas diferenças significativas entre grupos profissionais, $\chi^2_{kw} = (9, n=276) = 26,195, p=0,00$. O teste Post-hoc de Tukey HSD revelou que o grupo “*Trabalhadores Fabris e Construção Civil*” apresenta diferenças significativas comparado com “*Trabalhadores Administrativos e Serviços*” e “*Trabalhadores de Limpezas*” (6,87 vs 8,35 e 8,71). O grupo “*Trabalhadores de Limpezas*” apresenta diferenças significativas comparando com “*Trabalhadores Fabris e Construção Civil*” e “*Trabalhadores da Agricultura e Florestas*” (8,71 vs 6,87 e 7,00). O grupo “*Trabalhadores Administrativos e Serviços*” também apresenta uma diferença significativa quando comparado quando comparado com o grupo “*Trabalhadores Fabris e Construção Civil*” (8,35 vs. 6,87). Para as diferenças significativas encontradas ao nível da *Satisfação Global Com a Reforma*, $\chi^2_{kw} (9, n=276) = 23,833, p=0,00$, o teste Post-hoc apenas revelou diferenças significativas entre o grupo “*Trabalhadores da Agricultura e Floresta*” e o grupo “*Profissões Intelectuais e Técnicos Superiores*” (3,50 vs. 4,40).

Na variável *Motivo da Reforma*, utilizou-se o teste ANOVA, verificando-se a existência de diferenças estatisticamente significativas, $F (3, 269) = 18,519, p=0,000$. Para uma comparação mais pormenorizada, utilizou-se o teste Post-hoc de Tukey HSD. Assim, no *Somatório do Inventário da Satisfação com a Reforma*, o grupo “*Invalidez/Saúde*” apresenta diferenças significativas quando comparado com os grupos “*Idade*”, “*Opção/Reforma Antecipada*” e “*Tempo de Serviço*” (22,00 vs. 24,43; 25,44 e 26,14), revelando assim menores níveis de satisfação. Para a *Satisfação Profissional Antes da Reforma*, o grupo “*Invalidez/Saúde*” apresenta igualmente diferenças significativas, desta feita com os grupos

“*Tempo de Serviço*” e “*Opção/Reforma Antecipada*” (12,18 vs. 13,50 e 13,89). Para a *Passagem à Reforma e Ajustamento Inicial*, o grupo “*Invalidez/Saúde*” apresenta diferenças significativas quando comparado com os grupos “*Idade*” e “*Tempo de Serviço*” (6,42 vs. 7,89 e 8,50). Para a *Satisfação Global Com a Reforma*, o grupo “*Invalidez/Saúde*” apresenta diferenças significativas quando comparado com os grupos “*Idade*” e “*Tempo de Serviço*” (3,44 vs. 3,83 e 4,09).

3. Estudo correlacional entre a satisfação com a reforma e as características da rede

A partir da análise da tabela 9 podem analisar-se as correlações entre características da rede (estruturais, funcionais e medidas de satisfação) e a satisfação com a reforma nas suas múltiplas dimensões.

Tabela 8. Correlações entre rede social pessoal e as dimensões da reforma

N=287	ISR ¹	SPAR ²	PRAI ³	SGCR ⁴
Características Estruturais				
Tamanho da rede	- 0,07	- 0,08	- 0,03	- 0,15*
Número de quadrantes na rede (heterogeneidade)	0,58	0,09	- 0,04	0,05
Durabilidade média	-0,09	0,00	-0,15*	- 0, 02
Frequência de contactos	- 0,14*	- 0,10	- 0,10	- 0,09
Residência (dispersão geográfica)	- 0,15*	- 0,10	- 0,14*	- 0,08
Densidade	0,07*	0,11	- 0,06	0,07
Características Funcionais				
Apoio Emocional	0,07	0,06	- 0,03	0,29
Apoio Material e Instrumental	0,19**	0,11	0,15*	0,06
Apoio Informativo	0,15**	0,14*	0,06	0,01
Acesso a Novos Contactos	0,19**	0,13*	0,12	0,05
Companhia Social	0,17**	0,10	0,11	0,14*
Reciprocidade do apoio	0,15*	0,04	0,12*	0,01
Medidas de Satisfação				
Satisfação com o suporte social	0,12	0,11	0,11	0,02
Satisfação com a rede	0,12*	0,08	0,08	0,04

*Coeficiente significativo para um nível $\leq 0,05$; ** Coeficiente significativo para um nível $\leq 0,01$; 1-“Inventário de satisfação com a reforma”; 2-“ Satisfação profissional antes da reforma”; 3- “Passagem à reforma e ajustamento inicial”; 4- “Satisfação global com a reforma”.

Começaremos primeiramente por analisar a satisfação com a reforma (ISR), mensurada através do somatório de todos os itens contemplados. Em relação às *Características Estruturais*, pode-se constatar que existe uma correlação significativa entre a *Frequência de Contactos* e o *Inventário da Satisfação com a Reforma*. Ou seja, quando aumenta a *Frequência de Contactos*, aumenta a *Satisfação com a Reforma* ($r = -0,14$; esta correlação é negativa pois no IARSP a frequência de contactos é contabilizada numa escala inversa, em que 1 significa mais contactos e 5 menos contactos). Em relação à *Residência* (se o indivíduo vive perto ou afastado dos elementos da sua rede), verificou-se que quando a dispersão geográfica diminui, aumenta a *Satisfação com a Reforma* ($r = -0,15$; aqui também o IARSP apresenta uma escala em que 1 significa mais próximo e 5 mais distante). Em relação à *Densidade* (número de indivíduos que se conhecem entre si), quando esta aumenta, ou seja, quando existe um grande número de indivíduos na rede que se conhecem, aumenta a *Satisfação com a Reforma* ($r = 0,07$).

Nas *Características Funcionais*, pode-se observar que, todos os apoios, exceto o *Apoio Emocional*, estão correlacionados significativa e positivamente com a *Satisfação com a Reforma*. Assim, quando aumenta a quantidade de apoio, aumenta também a *Satisfação com a reforma*.

Nas *Medidas de Satisfação*, encontrou-se uma correlação significativa positiva na variável *Satisfação com a Rede*. Conforme aumenta a *Satisfação com a Rede*, aumenta também a *Satisfação com a Reforma* ($r = 0,12$).

Para *Satisfação Profissional Antes da Reforma*, obtiveram-se correlações significativas apenas nas *Características Funcionais*, mais especificamente no *Apoio Informativo* e no *Acesso a Novos Contactos*. Assim, quando o *Apoio Informativo* ($r = 0,15$) e o *Acesso a Novos Contactos* (mostra a quem deve recorrer ou apresentar novas pessoas) ($r = 0,15$) aumentam, também aumenta a sua *Satisfação Profissional antes da Reforma*.

Na *Passagem à Reforma e Ajustamento Inicial*, em relação às *Características Estruturais*, encontrou-se uma correlação negativa e significativa na *Durabilidade Média* (tempo de relacionamento com cada elemento da rede), ou seja, quando aumenta o tempo de relacionamento, menos satisfeito o indivíduo fica com a *Passagem à Reforma e Ajustamento Inicial* ($r = -0,15$). Para a *Residência*, quanto menor a distância entre o indivíduo e os elementos da sua rede, mais satisfeito aparenta ficar com a *Passagem à Reforma e Ajustamento Inicial*.

Nas *Características Funcionais*, encontraram-se correlações significativas positivas para o *Apoio Material e Instrumental* ($r = 0,15$) e *Reciprocidade do Apoio* (apoio que o indivíduo dá às pessoas da sua rede), ($r = 0,12$). Assim, quando aumentam este apoio e a reciprocidade dos laços da rede, aumenta a satisfação na *Passagem à Reforma e Ajustamento Inicial*.

Por último, na *Satisfação Global Com a Reforma*, obteve-se uma correlação significativa e negativa com o *Tamanho da rede* ($r = -0,15$). Ou seja, quando o número de pessoas da rede diminui, aumenta a *Satisfação Global com a Reforma*. Nas *Características Funcionais*, encontrou-se uma correlação significativa positiva para a *Companhia Social* ($r = 0,14$). Assim, quando aumenta o tempo de companhia aos elementos da rede, aumenta a *Satisfação Global com a Reforma*.

É de assinalar que todas as correlações significativas encontradas são bastante baixas, oscilando entre 0,07 e 0,19. Segundo Cohen (1988, citado em Pallant, 2007), uma correlação baixa situa-se entre 0,10 e 0,29, uma média entre 0,30 e 0,49 e uma correlação grande entre 0,5 e 1.

Discussão e Conclusões

Como já foi sublinhado, o objetivo principal deste estudo prendia-se com a análise das relações entre variáveis sócio-demográficas, redes sociais pessoais e satisfação com a reforma em idosos portugueses.

Tendo presente esse objetivo, foi possível constatar que numerosas variáveis sociodemográficas, como a idade, o sexo ou aspetos residenciais, não aparentam estar relacionadas com a satisfação com a reforma, nas múltiplas dimensões consideradas. Ademais, as variáveis que parecem estar relacionadas com a satisfação com a reforma, são aquelas que, de forma mais ou menos direta, estão igualmente associadas ao domínio profissional, a saber: rendimentos auferidos, habilitações académicas, última profissão desempenhada e motivo da reforma.

Primeiramente, considere-se a variável rendimentos auferidos. Os dados indicam que a satisfação com a reforma é mais elevada, em todas as dimensões consideradas, nos idosos cujos proveitos financeiros cobrem os seus gastos e permitem poupar. Cabral e colaboradores (2013), num estudo realizado concluíram que quanto mais alta é a posição social e os

rendimentos, maior é satisfação com o trabalho. Assim, melhores salários e uma posição social mais elevada levam a uma escolha profissional mais ampla, permitindo uma melhor realização profissional, contribuindo para uma maior satisfação. Neste estudo concluíram também que, os indivíduos com rendimentos familiares intermédios mantêm diariamente uma maior frequência de contactos com os membros da rede interpessoal durante o último ano.

Relativamente às habilitações académicas, foi possível constatar que apenas foram encontradas diferenças significativas no cômputo geral da satisfação com a reforma (somatório dos itens do ISR considerados neste estudo) e com a satisfação global com a reforma. Assim, consoante o nível de habilitações aumenta, assim também parece aumentar a satisfação com a reforma. Contudo, importa destacar que os dados também indiciam um aumento no nível de satisfação profissional antes da reforma e na passagem à reforma e ajustamento inicial concomitante ao aumento das habilitações académicas, embora as diferenças encontradas não sejam estatisticamente significativas. Num estudo de Fonseca (2004), o autor conclui que quem prolongou os estudos (secundário e superior), acaba por desempenhar profissões mais diferenciadas e obter maiores rendimentos, permitindo encarar a entrada na reforma de forma mais otimista e com vontade de realizar projetos, não se verificando o mesmo em classes sociais mais baixas. Ainda no mesmo estudo, o autor supracitado conclui que, no que concerne às razões para a reforma, os indivíduos com escolaridade básica não valorizam tanto os “interesses pessoais” e dão mais importância às “circunstâncias imprevistas”. Num estudo sobre redes sociais de idosos sem filhos, Côca (2012) também encontrou algumas diferenças ao nível das habilitações académicas, concluindo que as redes de pessoas com Ensino Superior seriam maiores em tamanho, com menor densidade, maior heterogeneidade (maior número de quadrantes), maiores valores de acesso a novos contactos e maior durabilidade das relações. No mesmo sentido vai o estudo de Cabral e colaboradores (2013), que verificou que as pessoas com Ensino Superior teriam redes maiores quando comparadas com as redes de indivíduos sem escolaridade. Tendo em conta a teoria da continuidade proposta por Atchley (1976, 2000, citado em Fonseca, 2011) e referenciada na introdução do presente trabalho, pode-se hipotetizar que as habilitações académicas desempenham um papel relevante ao facilitarem a continuidade entre passado e presente e, eventualmente, uma adaptação a um papel menos “instrumental” e mais relacional. Na mesma linha de pensamento, um estudo realizado por Ferreira (2013), concluiu que os sujeitos com maior grau de escolaridade evidenciam menos propensão à dramatização da sua existência e também menos tendência à subjugação e menor vulnerabilidade ao stress. A importância da formação é ainda sublinhada por Neto (2010), quando este assinala que

uma boa educação para a reforma pode contribuir para um envelhecimento ativo e bem-sucedido. A formação académica aparenta pois ser importante, tanto aquela ministrada nos anos de juventude, como aquela que possa ser assimilada ao longo da vida. Neste sentido, uma perspetiva de investigação futura poderia passar pelo estudo da relação entre a formação ministrada nas fases finais do ciclo vital e a satisfação com a reforma, algo que o presente trabalho não contemplou.

Relativamente à última profissão desempenhada, foram encontradas diferenças significativas em todas as dimensões da satisfação com a reforma, com o grupo “*Profissões Intelectuais e Técnicos Superiores*” a manifestar níveis mais elevados. Estes dados são corroborados pelo estudo de Fonseca (2004), em que se verificou que quanto mais diferenciada a profissão, mais elevada é a satisfação de vida. Profissões diferenciadas garantem salários mais altos, o que corresponde a pensões de reforma mais elevadas, conduzindo a uma tranquilidade financeira que permite e facilita a dedicação a atividades culturais ou recreativas, o que não acontece com as classes sociais mais baixas. Para além das questões relacionadas com os rendimentos e habilitações, importa ainda acrescentar a hipótese de que trabalhos manuais, que impliquem um desgaste físico substancial, como os trabalhos agrícolas ou de limpezas, poderão condicionar a vivência da reforma. Estudos futuros poderão associar o grau de incapacidade decorrente da profissão desempenhada ao longo da vida e a satisfação com a reforma, de forma a testar a hipótese aqui avançada.

Quando considerados os motivos de reforma, saliente-se o impacto negativo da reforma por invalidez ou questões de saúde, que parece condicionar uma menor satisfação com a reforma. Este dado deve ser conectado com o que anteriormente foi referido a propósito das condições físicas para usufruir do tempo doravante disponível, pois as questões de saúde que eventualmente “forçaram” a saída do mercado de trabalho, podem igualmente comprometer as atividades do indivíduo na reforma, algo que a teoria da atividade (Fonseca, 2011), citada na introdução do presente trabalho, salienta como preditor de boa adaptação à nova condição de vida. Neste ponto, seria expectável que com o aumento da idade e também das dificuldades físicas e/ou cognitivas, a satisfação com a reforma decrescesse. O estudo de Fonseca (2004) revela precisamente que quanto maior o tempo de reforma, menor é a satisfação com a vida. Contudo, o presente estudo não revelou diferenças significativas na satisfação com a reforma entre o grupo de “idosos-jovens” e “idosos-velhos”, o que merecerá atenção de estudos futuros.

Num estudo realizado por Ramos (2002), em que se explorava a atitude dos portugueses relativamente à sua profissão, concluiu-se que os inquiridos têm menos vontade

de dedicar tempo ao seu emprego e mais vontade de estar com a família, ter mais tempos livres e estar com os amigos. Assim, a passagem à reforma seria um acontecimento bem acolhido e desejado pelos portugueses, independentemente do momento em que acontece, desde que os rendimentos disponíveis fossem suficientes para a sua vida quotidiana. Aqui, importaria ainda adicionar as questões de manutenção da atividade (seja noutro campo laboral daquele desempenhado até ao momento, seja noutras áreas de realização), saúde e bem-estar, e ainda as habilitações académicas que parecem influenciar bastante a vivência da reforma. Ou seja, os dados de Ramos (2002) indiciam um desejo de libertação das obrigações profissionais para que mais tempo seja votado a outras atividades, mas outras variáveis para além desse desejo podem condicionar a vivência com qualidade dos tempos livres que emergem com a reforma.

Em relação às correlações entre rede social pessoal e as dimensões da satisfação com a reforma, encontraram-se numerosas correlações significativas, mas todas elas de amplitude fraca.

De qualquer modo, os dados relativos às características funcionais da rede parecem indicar que os diferentes momentos do processo de transição em que consiste a reforma, solicitam diferentes tipos de apoio. Relativamente à satisfação profissional antes da reforma, o tipo de apoio que parece ser mais relevante é o apoio informativo e o acesso a novos contactos. Na passagem à reforma e ajustamento inicial, o apoio material e instrumental e o sentimento de reciprocidade na rede aparentam assumir maior destaque. Tendo em consideração a teoria da crise (Fonseca, 2011) que sublinha o impacto negativo que a perda do papel laboral pode deter na identidade do indivíduo, o sentimento de reciprocidade, de ser útil e prestável para outros elementos na rede, poderá auxiliar na compensação dessa perda. No momento atual em que o indivíduo se encontra, a satisfação com a reforma parece estar bastante associada ao nível de companhia ministrada pela rede. Estes dados corroboram outros resultados de outros estudos, em que a companhia social foi igualmente destacada como apoio privilegiado da rede social pessoal. No estudo de Côca (2012) foram reveladas correlações entre a qualidade de vida e o acesso a novos contactos e a companhia social e um estudo realizado por Vicente (2012) sobre redes sociais de idosos pertencentes a famílias multigeracionais sublinhou a importância do apoio prestado na forma de companhia social.

Em relação às características estruturais da rede foram encontradas correlações significativas como tamanho da rede, durabilidade média, frequência de contactos, residência e densidade. O resultado que merece um primeiro comentário, até porque não seria expectável, é que a satisfação com a reforma parece estar negativamente correlacionada com

o tamanho, sendo que redes menores parecem estar associadas a maiores níveis de satisfação com a reforma no momento atual. Neste sentido, Guadalupe (2008: 305) refere que “os fios que tecem a rede poderão ser poucos, mas têm que ser muito fortes e permanentemente entrelaçados e reforçados para que não quebrem na sua função de suportar”. Ainda seguindo as reflexões da mesma autora, importa compreender que o tamanho da rede pode não indicar bem-estar psicológico. No estudo coordenado por Cabral (2013), concluiu-se que a dimensão das redes interpessoais da amostra era muito pequena, o que significava que os inquiridos recorriam, em média, a apenas a duas pessoas para falarem sobre os seus problemas quotidianos. De qualquer modo, como a correlação significativa (e as restantes) encontrada no presente estudo foi fraca, estudos subsequentes poderão alumiar um pouco mais a questão da relação entre tamanho da rede e satisfação com a reforma. O mesmo se poderá aplicar à relação significativa negativa entre passagem à reforma e ajustamento inicial e durabilidade média das relações. No que respeita à frequência de contactos e dispersão geográfica, a relação parece ser mais facilmente compreensível, pois quando aumenta o número de contactos e diminui a distância que separa o sujeito focal dos restantes elementos da sua rede, aumenta a satisfação com a reforma. Estes dados sublinham a importância da acessibilidade dos membros da rede social pessoal na vivência da reforma.

Por último, importa sublinhar algumas das limitações do presente estudo seria importante considerar as limitações físicas dos indivíduos que podem influenciar os níveis de satisfação com a reforma. Por outro lado, seria importante ter mais indivíduos em categorias sub-representadas (como por exemplo, aquelas nos “motivos da reforma” que não foram contempladas na ANOVA). Em termos de perspetivas de investigação futura, seria interessante alargar o estudo a outras zonas do país e, eventualmente, realizar um estudo longitudinal em que se administrasse o IARSP antes e depois do momento da reforma, para averiguar as diferenças estruturais e funcionais entre os dois momentos. Seria igualmente relevante divisar um estudo que permitisse explorar com maior detalhe a vivência da reforma pelos idosos portugueses, possivelmente através de uma metodologia qualitativa que explorasse detalhes não contemplados em estudos de natureza quantitativa.

Referências bibliográficas

- Abreu, S. G. (2000). *Singularidade das redes e redes da singularidade. Rede social pessoal e saúde mental*. Dissertação de Mestrado em Família e Sistemas Sociais, não publicada. Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra.
- Alarcão, M. & Sousa, L. (2007). Rede social pessoal: Do conceito à avaliação. *Psychologica*, 44, 353-376.
- Cabral, M. V. (coord.), Ferreira, P.M. (Inv. principal), Silva, P.A., Jerónimo, P. & Marques, T. (2013). *Processos do envelhecimento em Portugal*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Centro de Estudos e Desenvolvimento Regional e Urbano (2008). *Estudo de avaliação das necessidades dos seniores em Portugal - Relatório Final*. Lisboa: CEDRU.
- Côca, N. (2012). *Redes sociais pessoais e qualidade de vida em idosos sem filhos*. Dissertação de mestrado não publicada. Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra.
- Ferreira, M. C. (2013). *Stress na Transição para a Reforma*. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Fonseca, A. M.G. (2004). *Uma abordagem psicológica da “passagem à reforma”- desenvolvimento, envelhecimento, transição e adaptação*. Dissertação de doutoramento não publicada. Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Porto.
- Fonseca, A. M. (2006). Transição-adaptação à reforma em Portugal. *Psychologica*, 42, 45-70.
- Fonseca, A. M.(2011). *Reforma e Reformados*. Coimbra: Almedina.

- Guadalupe, S. (2008). *A Saúde mental e o apoio social na família do doente oncológico*. Dissertação de Doutoramento não publicada. Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto, Porto.
- Guadalupe, S. (2010). *Intervenção em rede: Serviço social, sistémica e redes de suporte social*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- INE (2007). *Estatísticas demográficas 2005*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatísticas, I.P.
- Neto, A. M. (2010). *Da vida laboral à reforma: expectativas de ocupação*. Dissertação de doutoramento não publicada. Universidade Portucalense Infante D. Henrique, Porto.
- Pallant, J. (2007). *SPSS Survival Manual: A Step by Step Guide to Data Analysis using SPSS for Windows*. Berkshire: Open University Press.
- Ramos, M. (2002). Apoio Social e Saúde entre idosos. *Sociologias*, 7, 156-175
- Ramos, M. (2005). *Crescer em stresse - Usar o stresse para envelhecer com sucesso*. Porto: Ambar.
- Riken, H. C & Myers, J. E. (1990). *Retirement Counseling: A Pratical Guide for Action*. New York: Hemisphere Publishing Corporation.
- Santos, E., Ferreira J., Pocinho, R., Gaspar, J. & Ramalho, A. (2012). *Transição para a reforma/aposentação*. Viseu: PsicoSoma.
- Silva, P. N. (2009). *Adaptação à Reforma e Satisfação com a Vida: A importância da Atividade e dos Papéis Sociais na realidade europeia*. Dissertação de mestrado não publicada. Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE- IUL), Lisboa.
- Sluzki, C.E. (1996). *La red social: Frontera de la practica sistematica*. Barcelona: Gedisa Editorial.

Vicente, H. (2010). *Família multigeracional e relações intergeracionais: Perspetiva sistémica*. Tese de doutoramento não publicada. Universidade de Aveiro, Aveiro.

Vicente, H. & Sousa, L. (2012a). Redes intergeracionais e intrageracionais: a matriz relacional da família multigeracional. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 15 (2): 99-117

Vicente, H. & Sousa, L. (2012b). Redes sociais pessoais das gerações mais velhas: famílias com quatro gerações vivas. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 15 (2): 75-98.